

VIRGÍLIO NO BRASIL

VIRGIL IN BRAZIL



Thaís FERNANDES¹
Fundação Biblioteca Nacional

Resumo: Este documento apresenta um levantamento das traduções de Virgílio publicadas no Brasil entre 1808 e 2018, incluindo seus títulos, tradutores, editoras, datas de publicação e reedições. São elencados também os paratextos que compõem algumas dessas traduções, tais como prefácios, notas e glossários. Por fim, com base na teoria dos polissistemas, são apresentadas algumas considerações a respeito dessas publicações e da relação entre o sistema de literatura traduzida no Brasil e o sistema literário brasileiro.

Palavras-chave: História da tradução. Literatura clássica latina. Virgílio.

Abstract: This document presents a compilation of the translations of Virgil published in Brazil since 1808 to 2018, including their titles, translators, publishers, publication dates and reissues. The paratexts that constitutes some of these translations are also listed, such as prefaces, notes and glossaries. Finally, based on the theory of polysystems, some considerations are presented regarding these publications and the relationship between the system of translated literature in Brazil and the Brazilian literary system.

Key-words: Translation History. Classical Latin literature. Virgil.

351

RECEBIDO EM: 05/07/2018

ACEITO EM: 10/07/2018

PUBLICADO EM: julho 2018

1. Introdução

O presente estudo sobre as traduções de Virgílio no Brasil vem sendo desenvolvido na Biblioteca Nacional e tem como ponto de partida nossa pesquisa de doutorado, na qual elaboramos um catálogo das traduções de literatura latina publicadas no Brasil entre 1808 e 2014, em formato de livro impresso. A partir desse catálogo, pudemos verificar que Virgílio é um dos autores do período clássico da literatura latina mais traduzidos no Brasil. *Bucólicas* (publicada por volta de 39 a.C.), *Geórgicas* (concluída em 29 a.C.) e *Eneida* (publicada postumamente, e contra a vontade do autor, em 19 a.C.) receberam no total 35 traduções, feitas por tradutores brasileiros ou portugueses residentes no Brasil. Virgílio, em número total de traduções, fica atrás apenas de Cícero que, segundo nossa pesquisa, teve 39 traduções para suas obras no referido período. No contexto brasileiro, a *Eneida* é o texto mais traduzido da literatura latina, com 18 traduções da obra completa ou de excertos. Esses dados atestam a importância de Virgílio para a história da literatura traduzida no Brasil.

352

Neste documento, apresentamos um levantamento das traduções de *Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida*, publicadas no Brasil, em formato de livro impresso, desde a instalação da Impressão Régia até os dias de hoje. Em seguida, tecemos algumas considerações sobre as principais traduções, elencando alguns dos paratextos que as compõem. Constituem a base teórica desta pesquisa principalmente a teoria dos polissistemas, pensada por Itamar Even-Zohar (1990), e os *Paratextos editoriais*, de Gérard Genette (2009).

O objetivo da teoria dos polissistemas, de acordo com José Lambert (2011), é “[...] observar, descrever e analisar manifestações literárias para poder revelar seus princípios subliminares (normas, modelos, sua natureza primária/secundária, sua posição central/periférica etc.)” (GUERINI; TORRES; COSTA, 2011, p. 186). Essa teoria foi pensada por Even-Zohar a partir dos anos de 1969 e 1970, com base nas ideias dos Formalistas Russos e Estruturalistas Tchecos, como explica Lambert:

[d]urante o início deste período e por muitos anos ainda, a tendência continental europeia do estudo literário foi, em geral, reduzida à *Theory of Literature* de Tzvetan Todorov e aos trabalhos de René Wellek e Roman Jakobson. Contrário a essa visão redutiva e histórica, Even-Zohar defendia uma abordagem abrangente/holística e programática. Ele alegou que seus próprios conceitos retornavam aos dos Formalistas Russos, especialmente a alguns textos de Tiniánov e de Jakobson, e que eles eram incompatíveis com qualquer abordagem estática ou a-histórica, entre outras, juntamente com a visão linguística (pós)-saussuriana de ‘sistemas’. Além disso, ele sistematicamente empregou abordagens da sociolinguística (Weinreich, Labov) e da semiótica (Lotman, Bakhtin) modernas, tomou emprestadas algumas tendências empíricas do behaviorismo e direcionou as suas teorias no campo da pesquisa

semiótica e cultural ao invés de limitar-se aos estudos literários. (GUERINI; TORRES; COSTA, 2011, p. 184).

Nessa perspectiva, o uso do termo “polissistema” reforça a concepção de Even-Zohar (1990) de sistema como uma estrutura dinâmica, heterogênea e aberta, em constante mudança por conta das relações estabelecidas entre os vários sistemas que compõem o polissistema.

Para Even-Zohar (1990), a tradução tem um papel fundamental nos sistemas literários nacionais, pois a literatura traduzida não é somente um sistema presente em outro sistema literário mas, em alguns casos, o mais ativo dentre os sistemas. A literatura traduzida pode manter uma posição central no polissistema literário, participando ativamente na formação do seu centro, sendo muitas vezes responsável por grande parte das inovações presentes na literatura nacional. Neste estudo, pensamos as traduções de Virgílio a partir do sistema literário brasileiro e procuramos estabelecer algumas relações entre este sistema e os dados encontrados a respeito das traduções.

No geral, podemos dizer que a maior parte das traduções aqui elencadas apresenta textos de acompanhamento, como prefácios, posfácios, notas e glossários. Na obra *Paratextos editoriais*, Genette (2009, p. 09) denomina esses elementos que acompanham os textos literários como "paratextos" e os divide em "peritextos" e "epitextos". Os primeiros são a categoria mais típica de paratexto, os itens que se encontram no espaço do volume do texto, como o título, o nome do autor/tradutor e os, já mencionados, prefácio ou notas. Já os epitextos são elementos que se situam na parte externa do volume do livro: conversas e entrevistas com o autor, correspondências, diários íntimos e outros. Nossa pesquisa se ocupará apenas dos peritextos, com objetivo de mostrar o importante papel que têm na apresentação das traduções de Virgílio.

353

2. Metodologia da pesquisa

A busca pelos dados a respeito das obras traduzidas foi feita, inicialmente, durante nossa pesquisa de doutorado. Consultamos como fontes os acervos *online* de bibliotecas universitárias e da Biblioteca Nacional², os bancos de dados *Worldcat*³ e *Index translationum*⁴ e a obra *Repertório brasileiro de língua e literatura latina* (2006), de Eduardo Tuffani. Foram levantadas as seguintes informações: as obras traduzidas, seus tradutores, as editoras que as publicaram, a data da primeira edição, se as edições eram bilíngues ou não, se estavam vinculadas a alguma coleção e se eram traduções indiretas, bem como as reedições de cada tradução. Posteriormente, as informações encontradas *online* a respeito das traduções de

Virgílio foram conferidas com os livros físicos disponíveis no Acervo Geral e no Acervo de Obras Raras da Biblioteca Nacional.

A seguir, é apresentado o levantamento das traduções de Virgílio, separado por obras em quatro tabelas, a primeira contendo as traduções das *Bucólicas*; a segunda, as traduções das *Geórgicas*; a terceira, as da *Eneida* e, por fim, na quarta tabela estão dispostas as edições que possuem traduções de mais de uma obra.

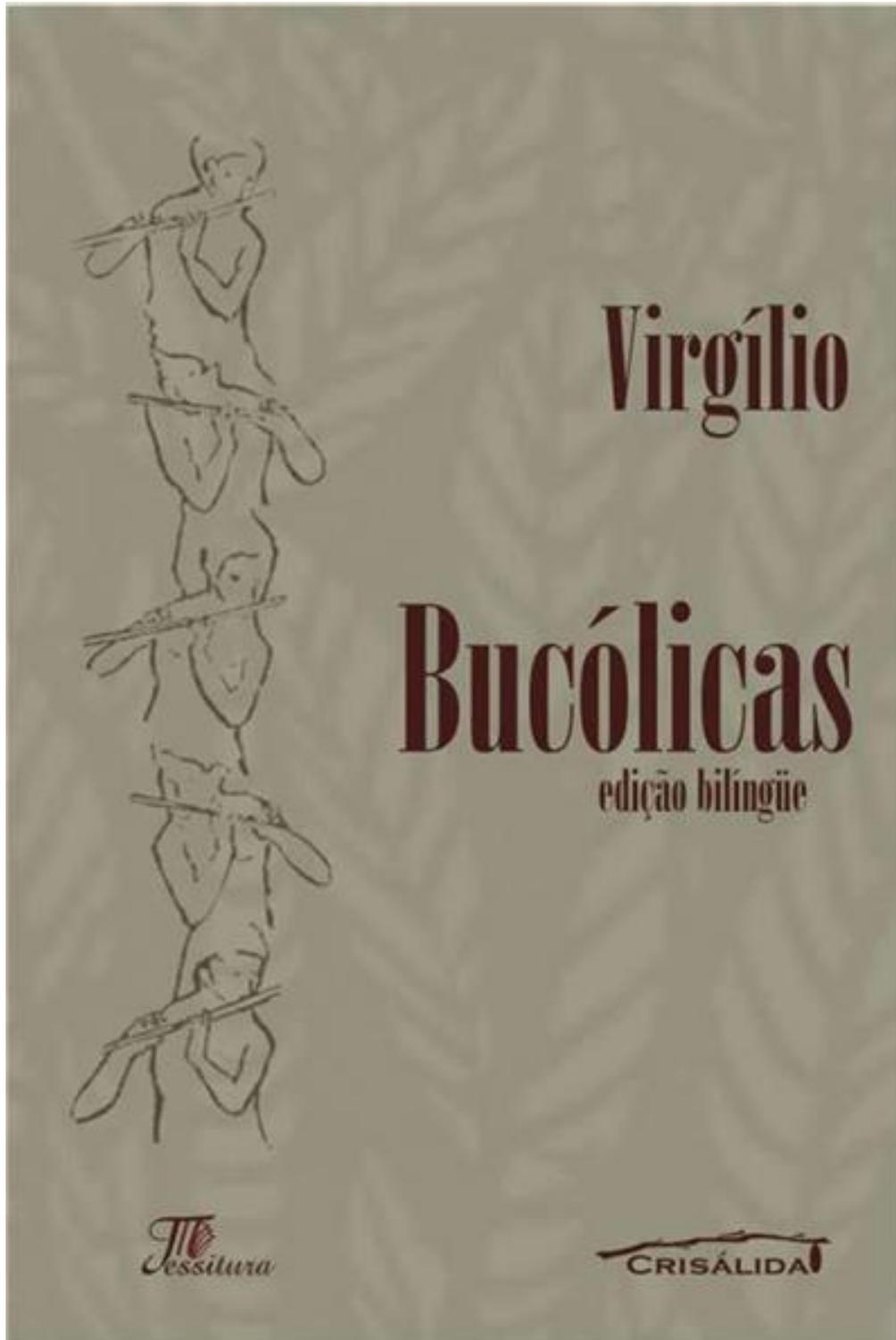
Tabela 1. Traduções das *Bucólicas* publicadas no Brasil

| | Título | Tradutor | Ano de publicação | Editora | Reedições | | Fonte |
|---|--|---------------------------------|-------------------|---|-----------|-----|-----------------|
| | | | | | Editora | Ano | |
| 1 | <i>Tradução das bucólicas: diálogo pastoral, oferecido a exm. e revm. senhor fr. Marceno do Coração de Jesus</i> | João Nunes de Andrade | 1846 | Typographia Brasilense de F. M. Ferreira (Rio de Janeiro) | - | - | BN ⁵ |
| 2 | <i>Virgilianas</i> ⁶ | Lucindo Filho | 1883 | Typographia do Vassourense (Vassouras) | - | - | BN |
| 3 | <i>Novas virgilianas</i> | Lucindo Filho | 1888 | Typographia de Vassourense (Vassouras) | - | - | BN |
| 4 | <i>Églogas</i> | João Baptista Regueira Costa | 1890-1899 | J.J. Alves d'Albuquerque (Pernambuco) | - | - | <i>Worldcat</i> |
| 5 | <i>Bucólicas</i> | Péricles Eugênio da Silva Ramos | 1982 | UnB/Melhoramentos (Brasília) | - | - | BN |
| 6 | <i>Construção e arte das Bucólicas de Virgílio</i> | João Pedro Mendes | 1985 | UnB/INL (Brasília) | - | - | BN |
| 7 | <i>Bucólicas</i> | Maria Isabel Rebelo Gonçalves | 1996 | Verbo (São Paulo) | - | - | BN |
| 8 | <i>Bucólicas</i> | Raimundo Carvalho | 2005 | Crisálida/Tessitura (Belo Horizonte) | - | - | BN |

Elaboração: Thaís Fernandes

Figura 1. Capa da edição das *Bucólicas*, com tradução de Raimundo Carvalho, publicada pela Crisálida e Tessitura em 2005.

356



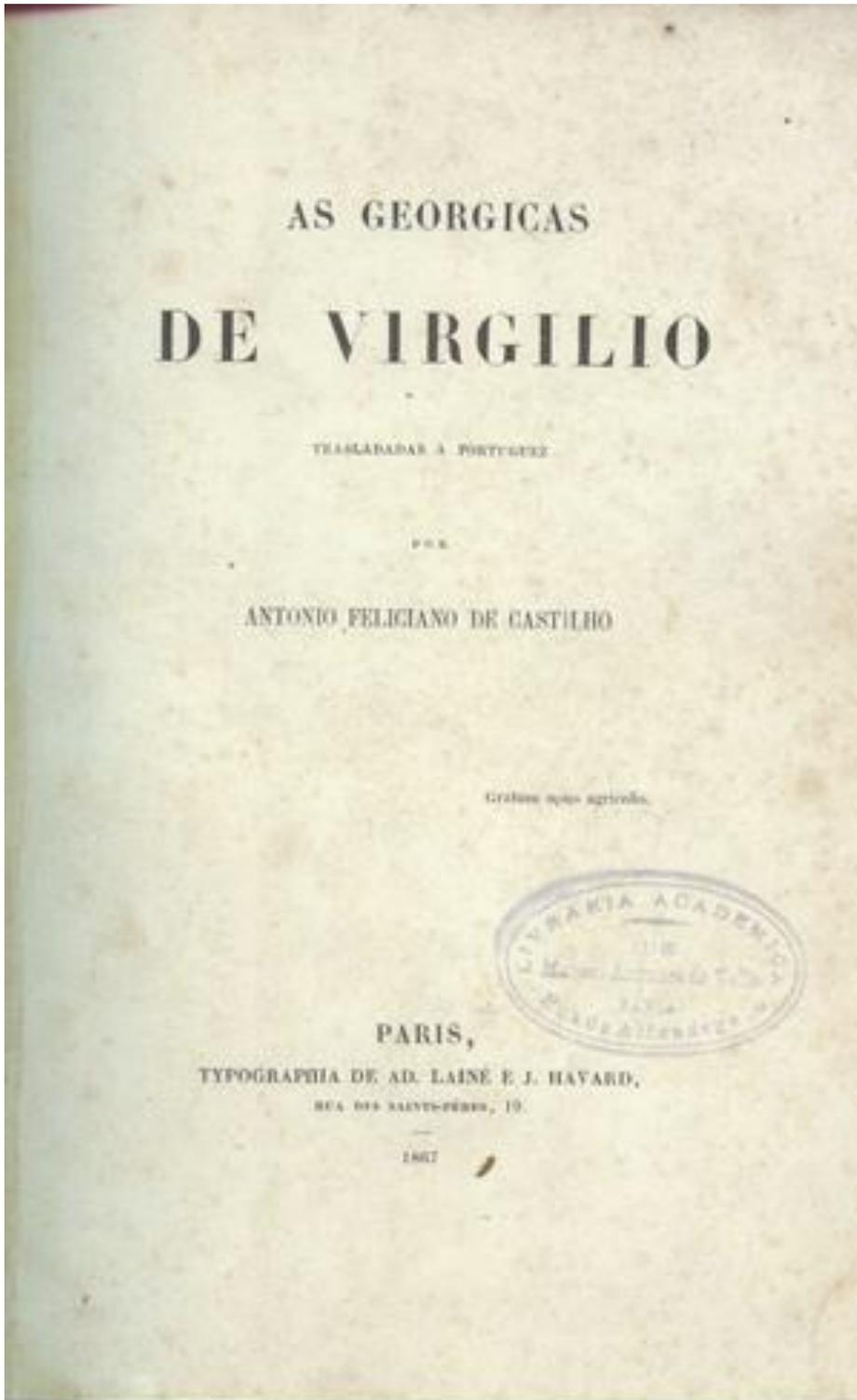
Fonte: Disponível em: <<https://www.travessa.com.br/bucolicas/artigo/5a826744-8885-4092-b06c-7ecd298bd92a>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

Tabela 2. Traduções das *Geórgicas* publicadas no Brasil

| | Título | Tradutor | Ano de publicação | Editora | Reedições | | Fonte |
|---|--|----------------------------------|-------------------|--|--|------|-------|
| | | | | | Editora | Ano | |
| 1 | <i>As geórgicas</i> | Antonio Feliciano de Castilho | 1867 | Typographie de A. Lainé et J. Havard (Paris) | Heros Graphica | 1930 | BN |
| | | | | | Editora Nacional | 1938 | |
| 2 | <i>As abelhas: versão da quarta geórgica</i> | Nicolau Firmino | 1966 | H. Antunes (Rio de Janeiro) | Livraria Nova Académica Dona Felipa (Lisboa) | 1966 | BN |
| 3 | <i>O IV canto das Geórgicas</i> | Elaine Cristina Prado dos Santos | 2007 | Scortecci (São Paulo) | Scortecci | 2012 | BN |

Elaboração: Thaís Fernandes

Figura 2. Folha de rosto da edição das *Geórgicas*, com tradução de Antonio Feliciano de Castilho, de 1867.



358

Fonte: Disponível em: <<https://tertuliabibliofila.blogspot.com/2010/11/antonio-feliciano-de-castilho.html>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

Tabela 3. Traduções da *Eneida* publicadas no Brasil

| | Título | Tradutor | Ano de publicação | Editora | Reedições | | Fonte |
|---|--|-------------------------------------|-------------------|---|-----------------------------------|----------------------|----------------------|
| | | | | | Editora | Ano | |
| 1 | <i>Eneida</i> | João Gualberto Ferreira Santos Reis | 1846 | Typographia de Galdino José Bizerra (Bahia) | | | BN |
| 2 | <i>Os amores de Dido com Eneas: tradução da quarta Eneida de Virgílio</i> | João Nunes de Andrade | 1847 | Typographia Brasilense de F. M. Ferreira (Rio de Janeiro) | | | BN |
| 3 | <i>Eneida brasileira ou epopeia de Virgílio Maro</i> | Manuel Odorico Mendes | 1854 | Editora Rignoux (Paris) | Atena | [1956] | BN |
| | | | | | Ateliê Editorial | 2005 | |
| | | | | | Editora da UNICAMP | 2008 | |
| 4 | <i>Eneida</i> | Leopoldo Pereira | 1920 | Imprensa Oficial do Estado de Minas (Belo Horizonte) | Departamento de Imprensa Nacional | 1968 (3. ed.) | BN e <i>Worldcat</i> |
| 5 | <i>Tradução literal da Eneida de Virgílio, destinada aos alunos dos liceus</i> | Nicolau Firmino | 1941 | Lusitana (São Paulo) | | | BN |
| 6 | <i>Eneida</i> | Maximiano Augusto Gonçalves | [196-?] | H. Antunes (Rio de Janeiro) | | | BN |
| 7 | <i>A Eneida</i> | Miécio Tati | [1973?] | Ediouro (Rio de Janeiro) | Tecnoprint | 1992 | BN |
| | | | | | Ediouro | 1998 (19. ed.), 2000 | |
| 8 | <i>Eneida</i> | Carlos Alberto Nunes | 1981 | A Montanha Edições | Editora da UnB | 1983 | BN |

| | | | | | | | |
|----|--|--|------|-------------------------------|------------------|--|----|
| | | | | | Editora 34 | 2014 2016 (2. ed.) | BN |
| 9 | <i>Eneida</i> | Tassilo Orpheu Spalding | 1981 | Círculo do Livro (São Paulo) | Círculo do Livro | 1995 | BN |
| | | | | | Cultrix | 1981, 1985 (2. ed.), 1999 (19. ed.) | |
| | | | | | Abril Cultural | 1983 | |
| 10 | <i>Narrativas extraídas da Eneida</i> | Ricardo Alberty | 1986 | Verbo (São Paulo/Lisboa) | | | BN |
| 11 | <i>Eneida</i> | David Jardim Júnior | 1988 | Tecnoprint (Rio de Janeiro) | Ediouro | 1992 | BN |
| 12 | <i>Eneida/Virgílio</i> | Cecília Casas | 2002 | Ave-Maria (São Paulo) | | | BN |
| 13 | <i>Eneida</i> ⁷ | José Vitorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva | 2004 | Martins Fontes (São Paulo) | | | BN |
| 14 | <i>Eneida: as aventuras de Enéias</i> | Stefania Stefani (adaptação) José Arrabal (tradução) | 2004 | Paulinas (São Paulo) | | | BN |
| 15 | <i>Eneida</i> | J. Laender (tradução portuguesa de 1927) | 2006 | Editora da UFPB (João Pessoa) | | | BN |
| 16 | <i>Eneida</i> (Cantos I, II, III e IV) | Domingos Paschoal Cegalla | 2009 | Difel (São Paulo) | | | BN |
| 17 | <i>As armas e o varão: leitura e</i> | Márcio Thamos | 2011 | Edusp (São Paulo) | | | BN |

| | | | | | | | |
|----|-------------------------------|----------------------------|-----|-------------------|--|--|----------------|
| | tradução do Canto I da Eneida | | | | | | |
| 18 | <i>Eneida</i> | Salvador de Oliveira Penna | s/d | Globo (São Paulo) | | | TUFFANI (2006) |

Elaboração: Thaís Fernandes

Figura 3. Capa da edição da *Eneida brasileira* (2008), pela Editora da UNICAMP, com tradução de Manuel Odorico Mendes.

Eneida Brasileira

ou
Tradução Poética da Epopéia de
Públio Virgílio Maro

por
Manuel Odorico Mendes
da cidade de S. Luís do Maranhão

Edição bilingüe

LVMINA

EDITORA UNICAMP

362

Fonte: Disponível em: <http://www.editoraunicamp.com.br/produto_detalhe.asp?id=628>. Acesso em: 15 jun. 2018.

Tabela 4. Traduções das obras completas de Virgílio ou de excertos de mais de uma obra publicadas no Brasil

| | Título | Tradutor | Ano de publicação | Editora | Reedições | | Fonte |
|---|--|---|---------------------|---|-----------------------------|------------------|-------|
| | | | | | Editora | Ano | |
| 1 | <i>As obras de Publio Virgílio Maro traduzidas em verso português e anotadas por Antonio José de Lima Leitão</i> | Antonio José de Lima Leitão | [entre 1818 e 1819] | Typographia Real (tomo 1) e Imprensa Régia (tomos 2 e 3) (Rio de Janeiro) | - | - | BN |
| 2 | <i>Poesias avulsas de Américo Elísio</i> | José Bonifácio de Andrada | 1825 | Bordéos [s.n.] | - | - | BN |
| 3 | <i>Virgílio brasileiro</i> | Manuel Odorico Mendes | 1858 | Typographie W. Remquet (Paris) | H. Garnier EDUFMA | [18-] 1995 | |
| 4 | <i>Traduções de trechos de livros de Virgílio</i> | Luiz Vicente de Simoni | [18-] | [S.I.: s.n.] | - | - | BN |
| 5 | <i>Obras completas (Bucólicas; Geórgicas; Eneida)</i> | Leonel da Costa Lusitano (<i>Bucólicas</i>) ⁸ ; Antonio Feliciano de Castilho (<i>Geórgicas</i>); Odorico Mendes (<i>Eneida</i>) | 1943 | Cultura (São Paulo) | Cultura | 1945 (2. ed.) | BN |
| 6 | <i>Geórgicas e Eneida</i> | Antonio Feliciano de Castilho (<i>Geórgicas</i>) e Odorico Mendes (<i>Eneida</i>) | 1948 (?) | W. M. Jackson Inc. editores (Rio de Janeiro) | W. M. Jackson Inc. editores | 1952; 1964; 1970 | BN |

Elaboração: Thaís Fernandes

Figura 4. Folha de rosto de *Poesias avulsas de Américo Elísio*, publicada em 1825, com tradução da primeira bucólica por José Bonifácio de Andrada.

POESIAS
AVULSAS
DE
AMÉRICO ELYSIO.

Se não me hé dado remontar seguro
Ao álcaçar sublime da Memoria,
Ao menos não submerge o esquecimento
O meu nome de todo; e venturoso,
Pelas gentiz Camenas bafejado,
Sobre as ondas do tempo hirá boiando.



BORDEOS.

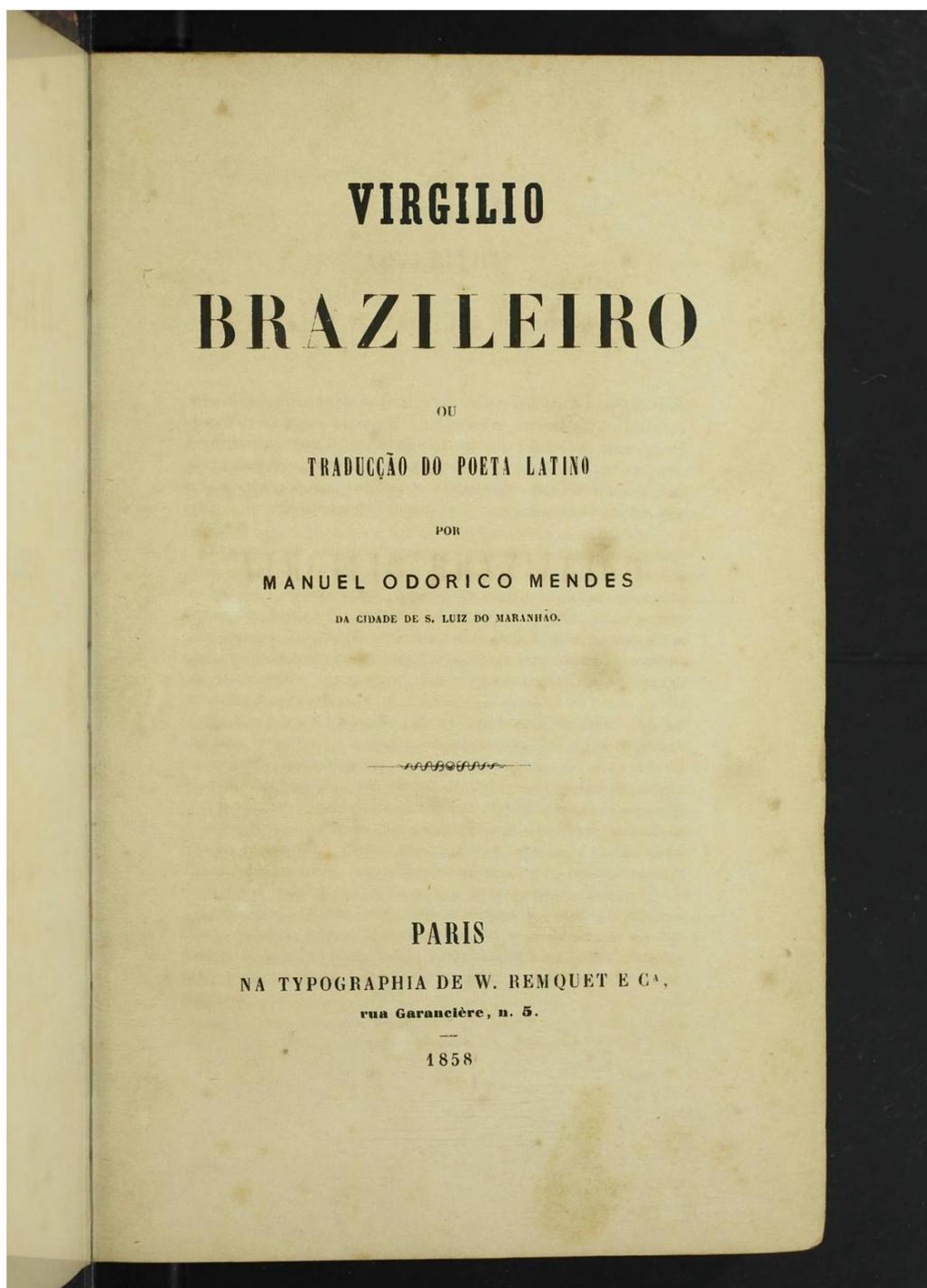


1825.

364

Fonte: Disponível em <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=42995>>.
Acesso em: 15 jun. 2018.

Figura 5. Folha de rosto da edição de 1858 de *Virgílio brasileiro*, com tradução de Manuel Odorico Mendes.



365

Fonte: Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7189>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

3. Comentários sobre as traduções de Virgílio no Brasil

Virgílio foi publicado oficialmente⁹ pela primeira vez no Brasil na primeira década do século XIX, com a tradução das três obras do poeta feita pelo médico português Antonio José de Lima Leitão. A edição bilíngue, em três tomos, foi lançada entre os anos de 1818 e 1819 e intitulada *Monumento à elevação da colônia Brasil a Reino, e ao estabelecimento do tríplice Império Luso. As obras de Públio Virgílio Maro, traduzidas em verso português, e anotadas pelo Doutor Antonio José de Lima Leitão*. O primeiro tomo continha a tradução das *Bucólicas* e *Geórgicas* e o segundo e terceiro tomos, a tradução da *Eneida*. Cada uma das obras possui um prefácio e notas do tradutor, nesses paratextos ele comenta o processo de tradução. No prefácio, Leitão, ao se comparar com tradutores anteriores a ele, escreve: “[...] pus peito à tradução, com o fito de mais do que eles alargar a esfera da nossa língua, mostrando nela Virgilio em frase mais Virgiliana.” (VIRGÍLIO, 1818, p. XI).

Leitão recebeu de D. João VI um benefício comercial: ninguém poderia imprimir, vender ou importar essa tradução, sob pena de confisco, por quinze anos, conforme atesta o alvará anexado no primeiro tomo do volume, datado de 13 de julho de 1818:

EU EL REY Faço saber, aos que este Alvará virem: Que Sendo-Me presente o requerimento em que pedia o Doutor Antonio José de Lima Leitão o privilegio exclusivo para a tradução, que em verso solto pretendia imprimir das Obras de Publio Virgilio Maro, com a Faculdade de o ceder; E Tendo Consideração, ao que com resposta do Desembargador Procurador da Minha Real Coroa e Fazenda se Me expoz em Consulta da Meza do Meu Desembargo do Paço, com cujo Parecer Fui Servido Conformar-Me por Minha Imediata Resolução do primeiro deste mez, e anno; Hei por bem Conceder ao Supplicante privilegio exclusivo por tempo de quinze annos contados da data deste para que nenhuma pessoa, Livreiro, ou Impressor possa vender, imprimir, ou mandar vir de fora dos Meus Reynos e Domínios a dita tradução das Obras de Virgilio debaixo da pena de perderem todos os exemplares della, que lhes forem achados; e Hei outro sim por bem Conceder-lhe Faculdade para ceder em outro o mesmo privilégio, com tanto que não exceda dos ditos quinze annos. (VIRGÍLIO, 1818, p. XIX).

Depois da publicação de Leitão, em 1825, José Bonifácio de Andrada e Silva, cujo codinome era Américo Elísio, traduz a primeira bucólica de Virgílio, incluindo-a em *Poesias avulsas de Américo Elísio*. Essa obra também continha traduções de versos de Ossian, Píndaro e Young, entre outros, além de poemas de sua autoria. Antes de cada uma das traduções há um prefácio, de autoria de Andrada e Silva, no qual ele comenta sobre fatos histórico-biográficos dos autores, sobre as obras e sobre o processo de tradução. A respeito de sua versão das *Bucólicas*, ele escreve: “procurei nesta minha tradução conservar o typo dos Idyllios Virgilianos, isto he, a naturalidade sem baixeza, e a nobreza de estilo sem inchação nem

requintes de agudezas; fugindo com esmero dos dois extremos viciosos, escravidão litteral, e desenfreada liberdade.” (1825, p. 143). Após essa publicação de Andrada e Silva, 21 anos transcorrem-se até a próxima tradução de Virgílio ser lançada por João Nunes de Andrade, que traduziu o texto completo das *Bucólicas* em 1846.

Ainda no século XIX, as traduções de Virgílio que mais repercutiram foram as de Manuel Odorico Mendes, que publicou a *Eneida brasileira* em 1854 e, quatro anos mais tarde, a tradução das obras completas do poeta, intitulada *Virgílio brasileiro*, incluindo a já lançada tradução da *Eneida*. As duas edições são bilíngues e foram impressas em Paris¹⁰, pela Editora Rignoux e pela Typographie W. Remquet, respectivamente.

Na edição de *Virgílio brasileiro*, há um prefácio do tradutor, intitulado "Ao leitor", no qual Odorico Mendes afirma ter feito correções e acrescentado notas à edição de 1854 da *Eneida* e mostra estar ciente da recepção polêmica¹¹ que sua tradução tivera:

Constando-me que, principalmente no Brazil, acharam escuros alguns lugares da Eneida, busquei saber quaes eram as escuridades; e as que se communicaram, consistindo antes em termos antigos ou compostos, que na má construcção ou impropriedade, eu as explico sufficientemente, não aos conhecedores da lingua, mas aos que não se querem dar ao trabalho de consultar os nossos bons autores: resolução que tomei contra meu gosto, accedendo ao de pessoas estudiosas que assim me aconselharam. (VIRGÍLIO, 1858, p. 04).

367

Essa edição de 1858 conta ainda com uma crítica à tradução de Odorico Mendes, intitulada “Juízo sobre a *Eneida brasileira*”, escrita por A. C. B. de Figueiredo, catedrático da Universidade de Coimbra. Sobre a tradução do maranhense, Figueiredo escreve: “[a]lli achei fielmente trasladados em a nossa lingua e idioma os conceitos, as paixões e os sentimentos do grande epico Latino, e sem diminuição nem accrescimo, respostas as suas mesmas imagens e ainda muitas das suas figuras.” (VIRGÍLIO, 1858, p. 02). Também há nessa edição um texto sobre a vida e a obra de Virgílio, de autoria do próprio Odorico Mendes, intitulado "Breve notícia de Virgílio".

Há ainda um segundo prefácio, que antecede a tradução da *Eneida*, chamado “Ao leitor”, no qual Odorico Mendes escreve: “[p]or contente me dou se obtenho um lugar ao pé de Annibal Caro, Pope, Monti, Francisco Manuel, e de outros bons traductores poetas [...]” (VIRGÍLIO, 1858, p. 203), citando grandes tradutores dos clássicos. Entre outros assuntos, o maranhense também comenta sobre o trabalho de outros tradutores nas suas notas¹², que são distribuídas da seguinte forma: as notas das *Bucólicas* ficam ao final da tradução, separadas por éclogas; as das *Geórgicas*, assim como as da *Eneida*, aparecem ao final de cada canto.

Conforme pode-se observar nas Tabelas 3 e 4 acima, as traduções de Odorico Mendes mereceram diversas reedições ao longo dos séculos XX e XXI. Destacamos as edições organizadas pelos membros do “Projeto Odorico Mendes”, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da UNICAMP¹³. Em 2008, o grupo publicou a *Eneida Brasileira* pela Editora da UNICAMP com a reprodução dos paratextos da edição de 1854, acompanhados de outros paratextos produzidos pelo grupo, como comentários às notas do tradutor. No mesmo ano, foi lançada a tradução das *Bucólicas*, nos mesmos moldes, em coedição da Ateliê Editorial e da Editora da UNICAMP.

Em 1867 foi publicada a tradução das *Geórgicas* do português Antonio Feliciano de Castilho, pela Typographie de A. Lainé et J. Havard, em Paris, tendo sido reeditada em 1930, pela Heros Graphica, e em 1938, pela Editora Nacional. A publicação da Nacional teve uma segunda edição, que conta com dois prefácios, um da primeira e outro da segunda edição, ambos de autoria de Othoniel Motta, que considera a tradução de Castilho “[...] um dos frutos mais bellos de que se orgulha a literatura portugueza, obra em que o vate lusitano hobreou com o de Mantua, e por vezes superou-o.” (VIRGÍLIO, 1938, p. VII). Também apresenta a reprodução de uma conferência feita por Motta sobre Virgílio e sua obra. O texto latino é seguido pela tradução. A edição possui notas em todas as páginas do texto traduzido, há dois apêndices com comentários sobre alguns trechos e vocábulos da obra; a autoria desses paratextos não é apresentada.

Também no século XIX são publicadas três edições com traduções das *Bucólicas*, duas de Lucindo Filho e uma de João Baptista Regueira Costa. As edições de Lucindo Filho são bilíngues e contêm notas do tradutor, nas quais ele defende suas escolhas de tradução, baseando-se em outros tradutores e comentadores de Virgílio.

Depois do lançamento da tradução de Regueira Costa, que aconteceu entre 1890 e 1899, outra tradução de Virgílio só é publicada em 1920: a *Eneida*, traduzida por Leopoldo Pereira. Mais vinte e um anos transcorrem até que Nicolau Firmino publicasse mais uma tradução da *Eneida*, pela Lusitana. Esta edição que vem acompanhada de um prefácio do tradutor, uma lista das traduções da *Eneida* para o português, espanhol, francês, italiano e inglês e, ainda, de notas de tradução, com explicações sobre mitologia, indicações de leitura e comparações entre versos de Virgílio e dos *Lusíadas* de Camões. Nicolau Firmino lança em 1966, pela H. Antunes, um volume com tradução do quarto livro das *Geórgicas*, edição que, assim como a da *Eneida*, possui muitos paratextos: três prefácios, sendo dois do tradutor, notas do tradutor e quatro textos como posfácios, todos de autoria de Firmino.

Ainda nos anos de 1960, foi publicada a tradução do Livro I da *Eneida* de Maximiano Augusto Gonçalves, pela H. Antunes. A edição apresenta uma pequena introdução, sem autoria, intitulada “Vida e obra de Virgílio”, seguida do texto latino que, por sua vez, é seguido pelo texto latino colocado em ordem direta com tradução justalinear. Ao final do volume, há um “Dicionário mitológico dos nomes próprios”, também sem autoria. Nos anos de 1970, encontramos apenas uma tradução de Virgílio: a *Eneida* de Miécio Tati, que saiu pela Ediouro, contando com apenas um curto prefácio sobre a vida de Virgílio, cuja autoria não é citada.

Até o período dos anos de 1980, temos o seguinte quadro: doze traduções publicadas no século XIX e somente seis traduções desde o início do século XX até 1980. Durante os anos de 1940, há três edições de traduções de Virgílio, porém duas delas são reedições de traduções anteriores. Assim, o número de traduções de Virgílio é menor no século XX, momento em que a indústria editorial brasileira se encontrava mais desenvolvida do que no século XIX, quando existiam menos editoras e o processo de impressão de livros era mais caro. Nas décadas de 1920 e de 1950 não encontramos nenhuma tradução de Virgílio publicada. Os motivos para essa lacuna teriam de ser melhor investigados, mas é possível delinear uma hipótese, baseada na teoria dos polissistemas.

A queda no número de traduções de Virgílio coincide com o período no qual os escritores modernistas ocupavam o centro do sistema literário brasileiro. A literatura clássica não era um modelo para eles, assim ela deixa de ocupar uma posição de prestígio no sistema, pois os escritores se voltavam para uma busca por uma literatura genuinamente brasileira. No momento em que a literatura clássica assume uma posição mais periférica o número de traduções de Virgílio diminui. Na década em que acontece a Semana de Arte Moderna, nenhuma tradução de Virgílio foi publicada no Brasil. Isso mostra que os dois sistemas, o de literatura brasileira e o de literatura traduzida, parecem estar relacionados e exercendo influência um sobre o outro.

Somente em 1981 será publicada uma nova tradução de Virgílio: a *Eneida* de Carlos Alberto Nunes, que foi reeditada pela Editora 34, em 2014. Nesta edição, a organização e a apresentação são de João Angelo Oliva Neto, que também é o autor das notas que acompanham a tradução de Nunes. O texto da tradução foi cotejado com os manuscritos de Nunes, com o intuito de “[...] corrigir os erros de diagramação, a troca de palavras, a supressão de versos, a duplicidade de grafia de certos nomes e alguns lapsos do próprio tradutor.” (VIRGÍLIO, 2016, p. 07). Ao final deste volume, há ainda uma lista dos principais nomes próprios que aparecem no poema, com remissão a todas as ocorrências, além de uma extensa bibliografia.

A partir dos anos de 1980, mais traduções de Virgílio começam a surgir e seu número volta a aumentar, chegando a dezesseis traduções, se contarmos as que foram publicadas desde 1980 até o momento atual. Além da tradução de Nunes, em 1981 é publicada outra tradução da *Eneida*, a de Tassilo Orpheu Spalding. Conforme podemos observar na Tabela 3, esta tradução foi reeditada algumas vezes, por editoras diferentes. Consultamos as edições da Cultrix e da Abril Cultural, ambas apresentam os mesmos paratextos: um prefácio do tradutor, intitulado “Argumento analítico do poema”, um segundo prefácio sobre fatos histórico-biográficos e sobre a obra de Virgílio, e 106 notas do tradutor. As notas ampliam aspectos da cultura e da mitologia romanas que aparecem no texto traduzido.

Ainda sobre a década de 1980, duas traduções das *Bucólicas* foram publicadas com poucos anos de diferença: em 1982, é lançada pela UnB em parceria com a Melhoramentos a tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos e, em 1985, também por uma parceria da UnB, dessa vez com o Instituto Nacional do Livro (INL), é impressa a tradução de João Pedro Mendes. A edição de Ramos é bilíngue e conta com um prefácio escrito pelo tradutor. Há uma nota introdutória a cada bucólica e também notas do tradutor. Já a edição de Mendes apresenta um extenso aparato teórico a respeito das *Bucólicas*, prefácio e notas do tradutor e também ensaios sobre o texto traduzido.

A partir do final da década de 1990, percebemos uma presença mais frequente de professores universitários como tradutores e organizadores das edições de Virgílio. Como organizadores, destacamos a atuação de Paulo Sérgio de Vasconcellos, com as já citadas traduções de Odorico Mendes, e a de João Angelo Oliva Neto, com a mencionada tradução de Carlos Alberto Nunes e a tradução da *Eneida*, de José Vitorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva¹⁴, reimpressa em 2004 pela Martins Fontes. Como tradutores, aparecem Raimundo Carvalho, tradutor das *Bucólicas*, Elaine Cristina Prado dos Santos, que traduziu o Canto IV das *Geórgicas* e Márcio Thamos, que publicou sua tradução do Canto I da *Eneida*. Todas essas edições organizadas e/ou traduzidas por professores universitários apresentam paratextos como prefácios, notas e glossários.

As observações aqui feitas sobre as edições das traduções de Virgílio mostram que elas são em sua maioria acompanhadas de muitos paratextos, muitas vezes produzidos pelos próprios tradutores. Em entrevista, Oliva Neto elenca alguns dos motivos pelos quais as traduções de poesia antiga costumam ser muito anotadas:

[o]s antigos, mesmo quando tratam de afetos, isto é, mesmo tratando do que chamamos “sentimentos”, “emoções”, que nos são subjetivos, fazem-no de maneira objetiva e concreta: quando não recorrem ao mito, que é repertório de todos, aludem ao que outros autores escreveram, repertório igualmente compartilhado pelas pessoas cultas. [...] Ora, mito, alusão, diálogo implicam haver personagens, autores, locais, tempos, que vêm nomeados, e todos esses nomes, se eram reconhecíveis e poeticamente significativos para os antigos, já não são para o público do século XXI, brasileiro ou donde for. (2010, p. 264).

Ou seja, os tradutores e editores entendem que o público leitor espera que essas obras venham acompanhadas de paratextos que as expliquem e contextualizem. Outra questão que nos chamou a atenção na análise dos paratextos foi que a maioria das edições incluem textos que se destinam a apresentar fatos histórico-biográficos e a obra de Virgílio, destacando na maior parte das vezes sua importância para a literatura ocidental.

4. Considerações finais

Após a conclusão do levantamento das traduções de Virgílio no Brasil e de uma breve análise de seus paratextos, podemos fazer algumas considerações. Das três obras pesquisadas, a mais traduzida é a *Eneida*, seguida pelas *Bucólicas* e, por fim, pelas *Geórgicas*. As traduções do século XIX, conforme podemos observar nas quatro tabelas mais acima, receberam várias reedições ao longo dos séculos XX e XXI, o que atesta sua importância para o sistema de literatura latina traduzida no Brasil. Nenhuma das traduções pesquisadas apresenta-se como tradução indireta, além disso, a maior parte delas dispõe o texto em latim antes ou ao lado da sua tradução. Também relatamos que há uma diminuição no número de traduções publicadas no início do século XX em relação ao número de traduções publicadas no século XIX. Nossa hipótese, a ser melhor investigada, é a de que a literatura clássica, naquele momento, não ocupava uma posição central no sistema literário brasileiro e, por isso, poucos foram os escritores e tradutores que se dedicaram a traduzi-la. Por fim, destacamos o papel dos professores e pesquisadores de universidades brasileiras na organização e tradução das obras que foram lançadas nos últimos anos pesquisados.

371

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADA, José Bonifácio de. **Poesias avulsas de Américo Elísio**. [s.n.], Bordeaux, 1825.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem studies. **Poetics today**, v. 11, n. 1, 1990.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Traduzido por: Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009. Título original: *Seuils*.

GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène C.; COSTA, Walter Carlos (Org.). **Literatura e tradução**: Textos selecionados de José Lambert. Tradução: Walter Carlos Costa et al. Rio de Janeiro: 7letras, 2011.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução: Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2012. Título original: *Books in Brazil: a history of the publishing trade*.

OLIVA NETO, João Ângelo. Entrevista com João Ângelo Oliva Neto. In: **Cadernos de Tradução**. vol. 1, n.25. Florianópolis: Pós-Graduação em Estudos da Tradução, 2010.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducaoarticle/viewFile/15386/13970>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

TUFFANI, Eduardo. **Repertório brasileiro de língua e literatura latina**. Cotia: Íbis, 2006.
VIRGÍLIO. **As Geórgicas de Virgílio**. Tradução: Antonio Feliciano de Castilho. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

VIRGÍLIO. **As obras de Públio Virgílio Maro, traduzidas em verso português, e anotadas pelo Doutor Antonio José de Lima Leitão**. Tradução: Antonio José de Lima Leitão. Rio de Janeiro: Typographia Real e Impressão Régia, 1818. 3t.

372

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Tradução e comentário: Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Crisálida, 2005. (em apêndice: tradução de Manuel Odorico Mendes).

VIRGÍLIO. **Eneida**. 2. ed. Tradução: Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas: João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2016.

VIRGÍLIO. **Eneida brasileira**. Tradução: Manuel Odorico Mendes. Organização: Paulo Sérgio de Vasconcellos et. al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

VIRGÍLIO. **Virgílio brasileiro**. Tradução: Manuel Odorico Mendes. Paris: Typographie W. Remquet, 1858.

¹ Thaís FERNANDES – Doutora (2017) e Mestre (2010) em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras – Língua e Literaturas Vernáculas (2006) pela mesma universidade. Atualmente, é pesquisadora do Programa de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8499862356316466> E-mail: fernandes.tha@gmail.com

² Disponível em: <http://acervo.bn.br/sophia_web/index.html>. Acesso em: 12 jun. 2018.

³ Disponível em: <<http://0-www.worldcat.org.novocat.nova.edu/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

⁴ Disponível em: <<http://www.unesco.org/xtrans/>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

⁵ BN - Biblioteca Nacional.

⁶ Contém a tradução da segunda e da sétima éclogas.

⁷ Esta tradução foi impressa entre 1845 e 1857 em Lisboa.

⁸ Segundo Oliva Neto (VIRGÍLIO, 2016, p. 55), a tradução de Leonel da Costa Lusitano é de 1638, cf. VIRGÍLIO. **Eneida**. 2. ed. Tradução: Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas: João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2016.

⁹ A imprensa no Brasil começa oficialmente em 1808, com a instalação da Imprensa Régia (cf. HALLEWELL, 2012, p. 111). É possível que antes dessa data tenham circulado traduções de Virgílio em nosso território, no entanto, para fins metodológicos, optamos por estabelecer o ano de 1808 como data de início para nossa pesquisa.

¹⁰ Também foram editadas em Paris a tradução das *Geórgicas* de Antonio Feliciano de Castilho, em 1867, pela Typographie de A. Lainé e J. Havard e as *Poesias avulsas de Américo Elísio*, de José Bonifácio de Andrada.

¹¹ Sobre a recepção das traduções de Odorico Mendes, cf. VIEIRA, Brunno V. G. Recepção de Odorico Mendes: (a) casos de crítica de tradução no séc. XIX. **Phaos**, Campinas, n. 10, p.139-154, jan./dez. 2010. Anual. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/phaos/article/view/2070>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

¹² Sobre as notas de Odorico Mendes, cf. YEE, Raquel da Silva. **Entre notas, entrelaços**: Odorico Mendes e o jogo de escrituras. 2017. 185 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/176787/345885.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

¹³ As informações aqui veiculadas foram retiradas da página do grupo, disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

¹⁴ Segundo Oliva Neto (VIRGÍLIO, 2016, p. 57), esta tradução foi impressa entre 1845 e 1857 pela Imprensa Nacional de Lisboa, cf. VIRGÍLIO. **Eneida**. 2. ed. Tradução: Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas: João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2016.